

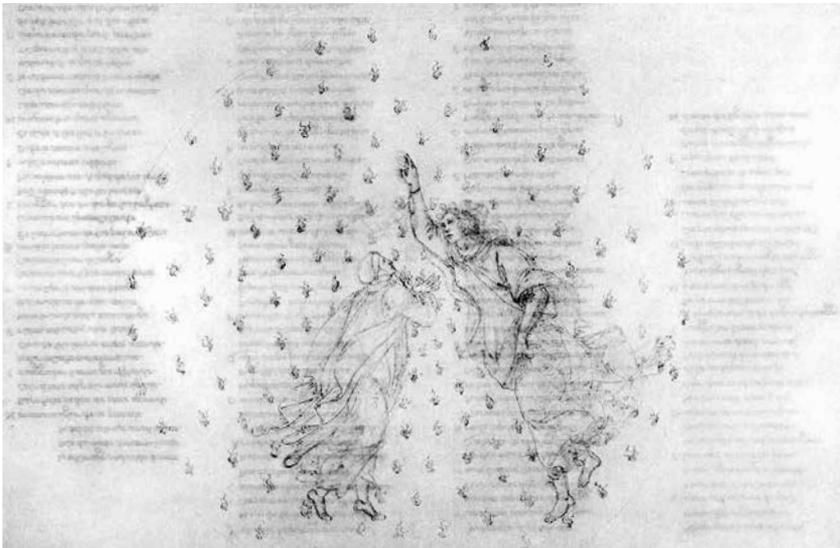
O PRÍNCIPE DAS SOMBRAS

SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*



INTRODUÇÃO À SÉRIE NOITES EM FLORENÇA



Paradiso, Canto VI
por Sandro Botticelli

PRÓLOGO

Junho de 1870
Florença, Itália

Uma silhueta solitária espreitava nas sombras em frente à *villa* do Príncipe, de onde se descortinava Florença. Das janelas da casa, até mesmo à noite, tinha-se uma vista esplendorosa dos contornos da cidade.

Não que a silhueta conseguisse admirar essa perspectiva.

O Príncipe usava uma estranha magia para repelir outros de sua espécie, ou pelo menos assim verificou a silhueta. A meio quarteirão da *villa*, que mais parecia uma fortaleza, ele passou a se sentir mareado e esquisito, e seus músculos começaram a tremer. Não era de espantar que o Príncipe governasse a cidade havia tanto tempo. Ninguém conseguia sequer pisar dentro de seus portões, quanto mais desafiá-lo fisicamente.

Naquela noite, porém, o Príncipe seria desafiado. E alguns de seus bens mais preciosos seriam levados.

Ao longe, uma chave arranhou uma fechadura e um pesado portão de ferro se abriu. As costas da silhueta se retesaram e seus sentidos se puseram em alerta.

Um homem de meia-idade começou a andar na sua direção agarrado a uma bolsa de couro.

A silhueta deixou a proteção das sombras e caminhou até o homem de maneira rápida e silenciosa.

– Gianni? – chamou.

Gianni apressou o passo.

– Mestre – murmurou, em italiano. Então fez uma mesura reverente.

O Mestre pegou a bolsa e a abriu. Suas mãos pálidas vasculharam, aflitas, a pilha de ilustrações de valor inestimável enquanto ele contava entre os dentes.

Então ergueu os olhos e fitou Gianni.

– Estão todas aqui?

– Sim, Mestre. Cem ao todo. – Gianni tinha os olhos arregalados e não piscava; era como se estivesse em transe.

(E estava mesmo.)

– Alguém viu você?

– Não, Mestre. Os criados já dormiram e o Príncipe não está.

– Excelente. – Ele segurou Gianni pelo ombro e o forçou a encará-lo. – Você vai voltar para a *villa* e se recolher ao seu quarto. Daqui a uma hora, vai acordar e não vai se lembrar de nada do que aconteceu entre nós.

– Sim, Mestre.

– Vá. Tome cuidado para que ninguém o veja.

Gianni fez uma nova mesura e voltou para a fortaleza.

O Mestre o observou fechar e trancar o portão, depois adentrar a impressionante construção por uma das portas laterais.

Murmurou uma maldição renascentista e cuspiu no chão. O Principado de Florença deveria ser seu. Durante anos, ele se mantivera distante, observando, à espera do dia em que poderia assumir o controle da cidade.

Minha cidade.

Naquela noite, sua paciência parecia ter sido recompensada.

Ele havia desferido um golpe contra a confiança do Príncipe na segurança de sua própria fortaleza e roubado seus bens mais preciosos. Com certeza podia esperar mais um pouco antes de revelar seus segredos para poder destruí-lo.

Seus olhos recaíram sobre uma das ilustrações, um desenho a bico de pena de Dante e Beatriz; então fechou a bolsa e começou a correr. Em um segundo, pulou da Piazzale para a rua mais abaixo e desapareceu na noite.

CAPÍTULO 1

Agosto de 2011

Florença, Itália

No térreo da Galleria degli Uffizi, o Príncipe de Florença considerava a ideia de cometer assassinato.

Uma multidão formada pela elite humana da cidade se agitava à sua volta, homens de smoking e mulheres de vestido longo, enquanto o insuportável professor Gabriel Emerson fazia a estrutura renascentista vibrar com suas palavras insípidas.

O Príncipe já havia matado antes. Era criterioso na escolha de suas vítimas, e apenas em raras ocasiões tirar a vida de alguém lhe dava prazer. Aquela seria uma dessas oportunidades.

Ele tinha o passo leve e era muito astuto; sua força sobrenatural era intensificada pela inteligência. Sem dúvida conseguiria alcançar o professor americano e quebrar seu pescoço antes de alguém perceber algo de errado.

O Príncipe se imaginou correndo pelo recinto, executando o professor e fugindo por uma janela antes que qualquer um dos cem convidados parasse de bebericar seu espumante.

Era fácil enganar os humanos. Eles na certa atribuiriam a morte do professor a um ataque súbito e espontâneo, sem ter a menor ideia do que estava ali entre eles.

O pensamento sedutor fez o corpo do Príncipe se tensionar, e os músculos de seus antebraços se contraíram sob as mangas do terno preto caro.

Uma morte rápida não era adequada à magnitude do crime do professor que, além de danos ao seu patrimônio, incluía insultos consideráveis. O Príncipe se orgulhava do compromisso que tinha com a justiça (de acordo com sua própria definição), de modo que descartava a possibilidade de uma execução rápida.

O professor tinha que sofrer, e isso significava que sua linda esposa também sofreria.

Em pé junto ao marido, ela usava um vestido vermelho, e a cor da roupa assemelhava-se a uma bandeira escarlate diante de um touro. Com certeza havia chamado a sua atenção.

O Príncipe a encarou com intensidade, absorvendo cada detalhe de seu corpo.

Como se houvesse sentido os olhos dele sobre si, a mulher o encarou.

E desviou o rosto depressa.

A Sra. Julianne Emerson era mais nova que o marido, mignon e, na opinião do Príncipe, magra demais. Os olhos, que todos diziam ser muito bonitos, eram grandes e escuros. O rosto o fazia pensar em pinturas renascentistas, com pescoço e bochechas elegantes.

O Príncipe se permitiu admirar a mulher do professor enquanto aquele tolo seguia falando sem parar, em italiano, sobre como ela o convencera a compartilhar suas *cópias* das ilustrações originais de Botticelli. Os comentários ignorantes só fizeram atizar as chamas de sua ira.

Aquelas ilustrações eram *suas*, não do professor, e eram originais, feitas por Sandro Botticelli em pessoa.

Estava claro que, além de ladrão, o professor era tam-

bém um filisteu incapaz de saber a diferença entre um original e uma cópia.

O Príncipe começou a imaginar novos e complexos métodos de tortura, aliados a um curso básico de história da arte, ao mesmo tempo em que ignorava os fartos elogios do professor ao trabalho filantrópico da mulher com órfãos e sem-teto. Como era grande o número de humanos que torcia para que seus atos compensassem seus pecados e os salvassem!

O Príncipe sabia muito bem como boas ações eram fúteis.

O casal Emerson fazia tráfico de bens roubados. Eles haviam furtado obras de arte que o Príncipe passara mais de um século tentando reaver. Além disso, tinham sido temerários o suficiente para entrar na cidade do Príncipe, oferecer suas ilustrações à Galleria degli Uffizi (alegando serem cópias) e depois se transformar em atração. Era como se houvessem conseguido encontrar o modo mais minucioso e rebuscado de incitar sua ira.

Agora suas vidas estavam condenadas.

O Príncipe continuou com o olhar fixo na direção da Sra. Emerson, mas seus olhos cinzentos nada viam.

Então algo chamou sua atenção. Sem qualquer motivo aparente, a jovem enrubesceu e olhou para o marido com uma expressão de desejo e amor.

Naquele instante, o Príncipe se lembrou de outra pessoa, uma mulher que havia olhado para ele com o doce rubor da juventude e um coração cheio de desejo.

A antiga lembrança se agitou dentro dele feito uma cobra.

– Meu convite a vocês esta noite é que se deliciem com a beleza das ilustrações da *Divina Comédia* de Dante, e depois, se quiserem, celebrem a beleza, a caridade e a compaixão na cidade que Dante amava, Florença. Obrigado. – O professor se

inclinou ao concluir sua fala. Foi até a mulher e a abraçou sob um forte aplauso.

O Príncipe não aplaudiu. Na verdade, fez uma careta e murmurou um impropério a respeito de Dante.

Parecia sozinho em seu desprezo, o único membro da elite florentina ali presente a não bater palmas. Com certeza era o único do recinto a ter de fato conversado pessoalmente com Dante e dito ao poeta que ele era um idiota.

A lembrança não lhe causava prazer algum. Desgostava de Dante na época tanto quanto agora, e detestava o mundo construído por ele em sua *magnum opus*.

(O Príncipe não ligava para a incompatibilidade entre seu amor pelas ilustrações de Botticelli e seu ódio pelo texto que elas ilustravam.)

Ajeitou as abotoaduras da camisa social preta, que exibia o símbolo de Florença. Iria seguir os Emersons e, quando nenhuma testemunha estivesse olhando, atacaria. Só precisava ter paciência.

Era uma virtude que ele possuía de sobra.

Enquanto os convidados socializavam, o Príncipe se manteve afastado, evitando conversar e recusando as comidas e bebidas que lhe foram oferecidas.

Os humanos em geral reagiam de duas formas a ele. Ou sentiam que era perigoso e passavam ao largo, ou o encaravam, às vezes se aproximando dele antes mesmo de perceberem estar andando na sua direção.

O Príncipe era bonito. Podia-se dizer até que era lindo: cabelos louros, olhos cinzentos, uma aparência jovem. Embora mal chegasse a 1,80 metro, era esbelto e musculoso por baixo do terno preto. Sua postura e seus movimentos eram fortes e decididos em função do poder que irradiava.

Era o predador, não a presa, portanto tinha pouco a temer. Naquele ambiente, por exemplo, não tinha nada a recear exceto a exposição.

Deu um breve meneio de cabeça para o *dottore* Vitali, diretor da galeria, mas evitou abordá-lo. Na verdade, a raiva do Príncipe incluía o diretor, pois ele também havia traficando bens roubados.

O Príncipe de Florença não mantivera seu domínio sobre a cidade praticando a misericórdia. Em seu principado, a justiça era rápida e atingia a todo e qualquer malfeitor. Quando chegasse a sua hora, o *dottore* Vitali seria punido.

O Príncipe foi até as portas da sala de exposição e reparou que o interior havia sido pintado com um azul vivo, de modo que as ilustrações a bico de pena da *Divina Comédia* de Dante tivessem mais destaque. Ficou aliviado ao constatar que suas preciosas obras de arte tinham sido enquadradas em vitrines, o que as manteria protegidas.

Examinou a sala de uma parede a outra e do chão ao teto, reparando em todas e quaisquer medidas de segurança. Executar os Emersons era apenas parte de seu plano. Mas ele também teria que reaver as ilustrações.

Observou o professor e sua mulher se postarem diante de um dos mais belos exemplos do trabalho de Botticelli: uma imagem de Dante e Beatriz na esfera de Mercúrio. Beatriz traja vestes esvoaçantes e aponta para cima, e Dante acompanha o gesto com os olhos.

Com passos decididos, o Príncipe se aproximou.

Os olhos da Sra. Emerson cruzaram com os seus e, por um instante, o Príncipe brincou com a ideia de exercer um controle mental sobre ela.

Quando chegou a uma distância da qual podia tocar a vitrine, os Emersons se afastaram para o lado, cedendo-lhe passagem.

De maneira inexplicável, o professor posicionou a mulher atrás de si, impedindo que o Príncipe a visse.

Os dois homens se encararam.

O Príncipe teve de se conter para não sorrir. O professor não fazia ideia da extensão do poder de seu adversário. Nem de sua raiva.

– Boa noite – disse o Príncipe em inglês, curvando-se para um cumprimento formal.

– Boa noite – respondeu Gabriel, seco, deslizando a palma pelo pulso da mulher para segurar sua mão.

O Príncipe observou a trajetória da mão do professor e se permitiu um pequeno sorriso.

– Uma noite e tanto. – Fez um gesto magnânimo para indicar o lugar em que estavam.

– De fato – concordou Gabriel, segurando a mão de Julia com uma força excessiva.

– É muita generosidade compartilhar as *suas* ilustrações – disse o Príncipe com ironia. – Que sorte a sua tê-las adquirido em segredo, e não no mercado aberto.

Enquanto aguardava a reação do professor, ele inspirou discretamente com o objetivo de analisar os odores do casal.

O do professor não tinha nada que fosse digno de nota. A partir dele, o Príncipe adivinhou que o sujeito era saudável e um tanto arrogante, e que as virtudes em sua vida ainda não estavam totalmente formadas.

Era evidente que tinha uma veia protetora. Tanto o travo de seu sangue quanto sua linguagem corporal indicavam que daria a vida pela jovem em pé ao seu lado.

A ideia por si só já era provocante.

Depois de ler o caráter do professor no odor de seu corpo e sangue, o Príncipe voltou sua atenção para a caridosa Sra. Emerson.

No início, sentiu cheiro de virtude, compaixão e generosi-

dade. Achou o perfume de sua bondade surpreendente e muito agradável. Como num reflexo, seus olhos se moveram para o desenho de Beatriz ali perto.

– Sim, eu me considero um sujeito de sorte. Aproveite a noite.
– Com um rígido meneio de cabeça, Gabriel se afastou, ainda segurando a mão da mulher.

O Príncipe continuou onde estava, fechou os olhos e tornou a inspirar fundo. Conforme a Sra. Emerson se afastava, algo desagradável e decididamente ruim fez cócegas em suas narinas.

O Príncipe abriu os olhos ao compreender com um susto que a Sra. Emerson estava doente.

Sua bondade e caridade quase conseguiam esconder o desagradável aroma subjacente, mas ele estava presente, à espreita lá no fundo, qual uma serpente.

O Príncipe e os de sua espécie tinham um dom para detectar os diversos defeitos e as doenças dos seres humanos. Talvez fosse um talento inato ou consequência de uma adaptação. Fosse qual fosse o motivo, no entanto, essa capacidade permitia à sua espécie escolher entre as fontes de alimento desejáveis e as intragáveis.

Graças a essa habilidade, conseguiu determinar que havia deficiência de ferro no sangue da Sra. Emerson. Quanto a isso não restava dúvida. Mas havia algo de seriamente errado com ela, um cheiro que ele nunca havia sentido antes e que a tornava repugnante.

As virtudes, porém, eram verdadeiras. O Príncipe se espantou ao descobrir que ela não era a esposa mimada da alta sociedade que ele imaginara.

Seus olhos acompanharam os Emersons até a outra ponta da sala, onde eles se aproximaram e começaram a sussurrar furiosamente entre si.

Com um último olhar conflituoso para o belo rosto da Sra. Emerson, o Príncipe deu meia-volta e se afastou.

CAPÍTULO 2

A prudência era outra virtude que ainda restava ao Príncipe. Sua raiva não tinha sido saciada. É claro; ele a vinha alimentando havia mais de um século. Toda vez que suas tentativas de descobrir o paradeiro das preciosas ilustrações de Botticelli fracassavam, essa raiva crescia feito um porco na engorda.

No momento certo, ele teria sua justiça, mas não em um lugar público. Com certeza não no meio de um evento social, entre fotógrafos e jornalistas.

Não, iria seguir os Emersons, e quando eles saíssem do evento, atacaria. Mas pouparia a vida da mulher.

O Príncipe ainda tinha um vestígio de moral. Não porque acreditasse que as boas ações fossem salvá-lo, pois sabia que não salvariam. Tinha um código moral porque nunca fora capaz de abandonar aspectos do código que seguia quando era humano.

Mais especificamente, não tirava bondade do mundo. Pelo menos não de forma intencional. Isso significava que as virtudes da Sra. Emerson deviam ser preservadas.

Além disso, ela estava doente. Era mais do que provável que a sua enfermidade, fosse qual fosse, operasse a sua própria punição muito em breve.

Mas não iria perdoar o professor.

Mais cedo naquela noite, o *dottore* Vitali havia pronunciado um discurso no qual atribuía a origem das ilustrações a uma família suíça anônima. A revelação fora uma surpresa para o Príncipe.

Ele ficara ainda mais surpreendido ao descobrir que suas ilustrações tinham estado tão próximas durante tanto tempo. Ficara anos procurando por elas, em vão, e chegara a despachar seu braço-direito para passar um pente-fino na maior parte da Europa Ocidental. Lorenzo voltara de mãos vazias e sem qualquer pista de seu paradeiro.

Após lidar com os Emersons, o Príncipe tinha a intenção de questionar Vitali sobre a identidade da família suíça. Então despacharia alguém até lá para descobrir como e de quem eles haviam adquirido o que lhe pertencia.

Uma coisa ele sabia, e isso lhe proporcionava um triste conforto: quem quer que tivesse roubado as ilustrações de sua casa, não era alguém como ele. Isso significava que os ladrões, não importa quem fossem, já estavam mortos.

Ele havia torturado e matado todos os seus criados nos dias subsequentes ao roubo. Sabia que alguns deles tinham de ter participado, ainda que de forma não intencional. Mas jamais conseguira descobrir quem estivera envolvido, nem de que maneira.

Com esses pensamentos em mente, o Príncipe desapareceu em meio à multidão do evento, como era o seu costume ao se misturar com humanos. Não tinha interesse em suas preocupações mesquinhas ou conversas vãs. Estava ali por uma razão, e não se deixaria distrair de seu objetivo.

Esperou até ver os Emersons se afastarem dos convidados e subirem a grande escadaria de pedra até o segundo andar. Seguiu-os a uma distância respeitável e conseguiu distrair com facilidade o segurança postado ao pé da escada.

Chegando ao andar de cima, encontrou o corredor deserto. Foi seguindo o cheiro dos Emersons até a sala dos Botticelli. Espiou pela porta e os viu enlaçados num abraço apaixonado.

Sem pensar muito, decidiu entrar na sala e admirar as obras de arte, mas sem ser notado. Já fazia algum tempo que não via pessoalmente o acervo da Galleria degli Uffizi. As questões de Estado o mantinham ocupado, bem como seus outros interesses.

Escalou uma das paredes internas e se suspendeu no teto, tomando cuidado para que seus movimentos não fizessem barulho. Aquele era um velho truque dos de sua espécie quando desejavam observar os humanos às escondidas. Era incrível como poucas pessoas se davam ao trabalho de olhar para cima.

Enquanto os Emersons se beijavam e sussurravam entre si, o Príncipe se demorou um instante admirando *O nascimento de Vênus* e a cópia da *Primavera* original de Botticelli, e uma enorme sensação de superioridade e satisfação inflou seu peito.

Com relação à *Primavera*, sabia o que ninguém mais no mundo sabia. Guardava com ele esse segredo, como se fosse uma joia preciosa.

Os pensamentos autocongratulatórios foram interrompidos pela Sra. Emerson, que de repente segurou o marido pela mão e o puxou para o corredor.

O Príncipe estava prestes a segui-los quando percebeu uma obra nova que fora acrescentada à sala, perto de onde os Emersons estavam se beijando.

Desceu até o chão sem fazer barulho e andou até o quadro. A poucos metros de distância, parou.

Na parede em frente ao *Nascimento de Vênus* havia uma grande fotografia em preto e branco da Sra. Emerson. Ela estava de perfil, com os olhos fechados, sorrindo. Seus longos cabelos escuros eram erguidos por um par de mãos.

Mesmo para os frios e cínicos olhos cinzentos do Príncipe, era uma imagem extraordinária. A consciência de que ela estava doente tornava sua beleza ainda mais comovente.

Os olhos dele se moveram para as palavras impressas abaixo da foto. Era uma citação de Dante:

*“Deh, bella donna, che a’ raggi d’amore
ti scaldi, s’i vo’ credere a’ sembianti
che soglion esser testimon del core,
vegnati in voglia di trarreti avanti”,
diss’io a lei, “verso questa rivera,
tanto ch’io possa intender che tu canti.
Tu mi fai rimembrar dove e qual era
Proserpina nel tempo che perdette
la madre lei, ed ella primavera.”
Dante, Purgatorio 28.045-051.*

“Ah, formosa dama, que nos raios do amor
te aqueces, a tirar pelas aparências,
que costumam ser testemunhas do coração,
Que a ti ocorra o desejo de te aproximares
das margens deste rio”, disse-lhe eu.
“Para que eu possa ouvir o que estás cantando.
Tu me fazes lembrar onde Perséfone estava
e o que era naquele tempo em que perdeu a mãe,
e ela própria a Primavera.”

O Príncipe fez um muxoxo e deu meia-volta. Não gostava de Dante quando vivo, e menos ainda quando morto.

Já Beatriz era outra história...

Os Emersons que se considerassem encarnações modernas

de Dante e Beatriz. Pouco importava. A misericórdia não fazia parte da natureza do Príncipe e nem todo amor romântico do mundo seria capaz de mudar isso.

O professor iria pagar por seu roubo, e sua mulher iria pranteá-lo. Com esses acontecimentos, a justiça estaria feita.

Receando que o casal tivesse deixado o local, o Príncipe saiu da sala e seguiu seus cheiros pelo corredor.

Ao longe, pôde ouvir vozes e sons abafados.

Aproximou-se em silêncio, quase flutuando pelo chão.

Gemidos incontidos e o farfalhar de roupas encheram seus ouvidos, somados aos sons gêmeos de corações batendo depressa. Sentiu o cheiro dos dois, e os aromas estavam intensificados pela excitação sexual.

Sua reação foi rosnar e mostrar os dentes.

O corredor estava escuro, mas o Príncipe pôde ver que o professor havia imprensado a mulher contra a parede entre duas estátuas, e que as pernas dela o enlaçavam pela cintura.

Quando ela falou, sua voz saiu rouca, mas o Príncipe se desligou das palavras e se aproximou para poder distinguir o belo rosto.

Ao vê-lo, afogado de paixão, seu velho coração se acelerou, e ele sentiu um tremor de excitação.

Observar em vez de participar não era o seu costume. Nessa ocasião, porém, decidiu abrir uma exceção. Tomando cuidado para permanecer no escuro, avançou até a parede em frente ao casal.

A mulher se contorcia nos braços do amante, e seus saltos altos enganchavam no paletó do smoking dele. Ela levou os dedos ao seu pescoço, soltou a gravata-borboleta e a jogou no chão sem cerimônia.

Então desabotoou a camisa e levou a boca até seu peito enquanto murmúrios de prazer escapavam dos lábios dele.

Ao ver os movimentos ávidos da mulher, o Príncipe sentiu mais do que desejo. Viu de relance sua linda boca e o balanço dos cabelos compridos que sem dúvida teriam sob seus dedos a textura da seda.

Ela levantou a cabeça, sorriu para o homem que a abraçava, e o Príncipe viu amor naquele olhar.

Já fazia muitos anos que ninguém lhe sorria daquele jeito. Como se ele próprio fosse o prêmio.

Sentiu a dor da perda e o peso de uma inveja nascente.

O segundo andar não tinha ar-condicionado, e fazia muito calor. O ar parado foi ficando cada vez mais tomado pelo cheiro dos amantes, uma mistura de sangue e sexo que incitou as narinas do Príncipe.

A mão do professor desapareceu entre as pernas da mulher, e ele começou a tocá-la, sussurrando elogios sensuais.

O Príncipe esticou o pescoço para ver melhor, mas é claro que a sua linha de visão estava encoberta pelo corpo do professor.

Disse um palavrão, lembrando-se mais uma vez de como aquele sujeito parecia se interpor entre ele e o que desejava.

Foi acompanhando os movimentos do braço do homem e viu quando seu ritmo foi alcançado pelas arremetidas do quadril da mulher e pelos sons que saíam de sua garganta. Gemidos roucos e arquejos deixaram-no tentado a empurrar o professor para o lado e possuí-la ele mesmo.

Permitiu-se uma fantasia momentânea. Imaginou a mulher quente e desejosa em seus braços, com a boca ávida colada à sua enquanto ele a penetrava. Seria cuidadoso, claro, pois os humanos quebram.

Mas ela estaria quente e entregue, e quando gritasse nos seus braços ele encostaria os lábios no seu pescoço e...

– Não me deixe esperando – disse a mulher com um tom de urgência.

O Príncipe despertou de seu enleio e viu as mãos dela sobre as nádegas do professor, tentando puxá-lo para mais perto.

Houve uma troca de suaves sussurros, e os dois riram baixinho quando o professor levou a mão ao bolso e pegou um invólucro metálico.

A alegria daquele casal surpreendeu o voyeur, como se estivesse fora de lugar. Ele estava acostumado a atos duros, raivosos, sem alegria ou afeto.

Trepava do mesmo jeito que se alimentava, com um objetivo de prazer e satisfação, para preencher um vazio e saciar a fome.

O que estava testemunhando ali era diferente.

O barulho de um zíper se abrindo ecoou no corredor. A mulher expirou de satisfação quando o amante a penetrou.

Os dois começaram a se mover no mesmo ritmo, tateando e puxando, enchendo o ar com seus grunhidos de prazer.

As costas da mulher bateram nas vidraças quando as arremetidas do amante se tornaram mais fortes.

Seus olhos estavam abertos, desvairados, até que se fecharam com um tremor das pálpebras, e ela separou os lábios cor de rubi.

– Estou quase lá – gemeu, e uma série de ruídos desconexos escapou de sua garganta quando ela atingiu o orgasmo.

O homem disse o nome dela enquanto acelerava os movimentos, rebolando e arremetendo com o quadril. Então ele também foi submerso.

Os dois ficaram abraçados enquanto um cheiro de sexo impregnava o ar.

O Príncipe trincou os dentes; sua excitação era ao mesmo tempo dolorosa e evidente por baixo da calça preta.

Tentou resistir à sensação enquanto olhava descaradamente

para o casal que se acariciava com delicadeza. Podia ouvir seus pulmões se expandirem e se contraírem enquanto as batidas de seus corações desaceleravam.

O professor levou uma das mãos ao rosto da mulher para acariciar sua bochecha. Ela inclinou a cabeça e pressionou os lábios na lateral de sua mão.

O Príncipe olhou para o outro lado, como se houvesse invadido um ato íntimo.

– Você consegue andar? – O professor pôs a mulher em pé no chão e se curvou para ajeitar seu vestido.

Ela riu, um som leve e feliz.

– Acho que sim. Talvez com as pernas meio bambas.

– Então me deixe ajudar. – Ele a pegou no colo e desceu o corredor.

O Príncipe os seguiu discretamente, espiando pela quina quando eles desapareceram dentro de um banheiro.

Recusou-se a cultivar qualquer dos pensamentos conflitantes que estavam lhe ocorrendo depois de haver testemunhado aquela cena arrebatada, mas repleta de ternura. Ajeitou a própria calça, fazendo força para se acalmar.

Tornou a pensar na foto pendurada na sala dos Botticelli, mas só por alguns instantes.

Sua ideia de justiça e seus planos para alcançá-la eliminavam facilmente a possibilidade de sentir qualquer coisa.

Concentrou toda a atenção no seu povo, no seu principado e nos esforços que seria capaz de fazer para manter o controle sobre eles. Então esperou sua presa emergir do esconderijo.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br